



O casamento de Teseu com Hipólita, rainha das amazonas, agita Atenas. Nem todos os corações, porém, estão no bom caminho, sobretudo entre os mais jovens: Helena ama Demétrio, que ama Hérnia, que ama Lisandro. Para piorar, a ninfa Titânia anda às turras com o elfo Oberônio, turvando a harmonia do bosque real, onde um grupo de teatro amador encena, aos trancos e barrancos, a desventura amorosa de Píramo e Tisbe. Mas na noite do solstício, pelos poderes do sonho, os desencontrados pares não de se acertar.

Baseado na peça homônima de William Shakespeare



BARCO
A VAPOR

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO • DIONISIO JACOB



Sonho de uma noite de verão

Dionisio Jacob



1 6 9 4 9 1

ISBN 978-85-418-1056-2



9 788541 810562



BARCO
A VAPOR

Sonho de uma noite de verão

Dionisio Jacob



© Dionísio Jacob, 2012

Edição executiva: Graziela R. S. Costa Pinto

Coordenação editorial e preparação: Iuri Pereira

Revisão: Carla Mello Moreira, Vadim Nikitin
e Regiane Monteiro Pimentel Barbosa

Edição de arte: Natalia Zapella

Ilustração de capa: Cárcamo

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jacob, Dionísio

Sonho de uma noite de verão / Dionísio Jacob. — 2. ed.
— São Paulo: Edições SM, 2015. — (Coleção Barco a Vapor.
Série Vermelha)

ISBN 978-85-418-1056-2

1. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

15-04720

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantil 028.5
2. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição maio de 2013

2ª edição 2016

2ª impressão 2018

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel.: 11 2111 7400

www.edicoessm.com.br

SUMÁRIO

Apresentação	7
1 Atenas em festa!	11
2 Encontros no jardim	27
3 Os artesãos de Atenas	41
4 O bosque no solstício	59
5 Os desencontros do amor.....	71
6 A inconstância do coração	83
7 O olhar apaixonado	91
8 O mundo às avessas	109
9 As sombras se dissipam	125
10 As bodas reais.....	145
Notas biográficas	173

● APRESENTAÇÃO

O PONTO DE PARTIDA da ideia de romancear esta comédia clássica de Shakespeare¹ foi simplesmente o desejo de participar mais intimamente de uma das tramas mais geniais já criadas em toda a dramaturgia universal. Apesar de muitas vezes não constar entre as maiores obras do dramaturgo inglês, ficando a lista restrita às grandes tragédias como *Hamlet*, *Macbeth*, *Otelo* e *Rei Lear*, *Sonho de uma noite de verão* possui um dos enredos mais complexos e bem estruturados jamais escritos.

Shakespeare consegue a proeza de trabalhar com três níveis de realidade simultaneamente: a nobreza palaciana, os humildes artesãos e os seres elementais, como as fadas e os elfos. A riqueza dramática provém do fato de que cada um desses núcleos possui sua trama interna, que se desenvolve plenamente e, ao mesmo tempo, todos são interdependentes, ou seja, cada um influencia e é influenciado pelos outros de um modo gracioso, bem-humorado e, acima de tudo, bem resolvido.

1 Ver biografia na p. 173. (N. da E.)

A trama tem uma precisão de relojoaria, e isso permite que a história se desenvolva de surpresa em surpresa. Tudo para chegar àquele *finale* soberbo com a peça dos artesãos encenada no palácio. Em termos de complexidade da ação dramática, há poucas obras comparáveis.

Esta adaptação romanceada segue a par e passo cada ação da peça. Nada de estrutural foi mudado, nada foi tirado ou acrescentado, o que seria um absurdo.

As liberdades que foram tomadas dizem respeito mais ao tempo de narrativa, que num romance permite mais prolongamentos e descrições, do que à ação teatral.

E também na questão do cenário onde a ação transcorre. Ora, a história se passa numa Atenas onde reina Teseu, e portanto, em um tempo mitológico mais do que histórico. Teseu é considerado simbolicamente o fundador da democracia ateniense.

Acontece que em muitas montagens da peça essa Atenas parece mais uma Florença renascentista no que se refere a figurinos e cenários. E as fadas, os seres elementais, remetem geralmente ao folclore inglês ou celta. Como na mitologia grega existem seres similares a esses na forma de dríades e hamadríades, achei por bem radicalizar essa sugestão implícita e fazer toda a trama transcorrer numa Atenas ainda em construção, transformada por Teseu em um verdadeiro canteiro de obras. Nem o Partenon existia na acrópole.

Tal artifício, que o gênero romance permite por meio de seus recursos descritivos, sem alterar uma vírgula

do enredo dramático, permitiu, entretanto, reforçar a presença e a utilidade dos mestres artesãos, de modo metafórico, como aqueles trabalhadores anônimos que estão por trás de todas as construções em todas as grandes cidades do mundo, em todas as Atenas modernas.

Fora isso, a figura de Puck, aqui chamado Travesso, foi acentuada em seu aspecto mais endiabrado, numa correlação com criaturas do mesmo tipo que existem praticamente em todas as culturas, conhecidas por diversos nomes, como diabrete, trasgo, mau gênio, Nickel, Robin, gremlin, globlin, saci e tantos outros. Entidades por vezes brincalhonas, por vezes perversas, que possuem um prazer todo especial em chutar o pau da barraca ou botar fogo no circo, para usar imagens mais populares.

Mas a peça está inteirinha, em cada uma das suas partes, na ação do romance. Estão presentes todos os seus inúmeros conflitos: civilização (Teseu) *versus* natureza selvagem (Hipólita), o conflito de gerações entre os jovens e os mais velhos, a perene tensão entre o eterno feminino (Titânia) e o eterno masculino (Oberônio). Todos esses conflitos são no fim harmonizados, tudo tende para a complementaridade e não para o antagonismo, para a solução pacífica em vez da crispação trágica, em um dos momentos ficcionais mais felizes já realizados desde que as pessoas se dispuseram a inventar e contar histórias.

Espero que a leitura deste livro incentive o público mais jovem a descobrir o universo de Shakespeare e ler

não apenas a peça que lhe serviu de base, mas também as outras deste que é o autor mais misterioso e ao mesmo tempo mais amado de todo o mundo.

Dionisio Jacob

● 1

ATENAS EM FESTA!

UM VOZERIO ESTRIDENTE ecoava por todas as ruas. É que as pessoas estavam falando mais alto do que de costume. Todos riam, faziam planos. Uma expectativa agradável dominava a população: a cidade de Atenas estava em festa! Motivos para isso não faltavam, mas o principal deles, sem dúvida, era o casamento do rei. O rei Teseu iria se casar! O querido rei Teseu!

Querido? Sim, com certeza, apesar do fato de, até algum tempo atrás, ele ter sido olhado com bastante desconfiança ao aparecer do nada, como o filho oculto do rei Egeu. Vinha da cidade de Trezena, onde tinha nascido, crescido e estudado. Por isso, no começo foi olhado com desconfiança, como um estrangeiro herdeiro do trono. Mas, aos poucos, sua personalidade forte e generosa foi conquistando as pessoas. E, é claro, não se pode esquecer do Minotauro...

Todos os anos sete rapazes e sete moças de Atenas eram levados até a sinistra ilha de Creta e sacrificados a um horrível monstro metade gente, metade touro que, ainda por cima, habitava um labirinto. Isso por causa

de uma maldição que caía sobre a cidade de Atenas. Para resumir, porque esta é uma outra história, Teseu se inscreveu como voluntário, foi até Creta e matou o Minotauro. Ainda conseguiu tirar todo mundo do labirinto, graças ao fio de um novelo que ele amarrou na entrada e que lhe serviu de guia.

A cidade ficou grata ao herói. Quando o pai de Teseu faleceu, ele herdou o trono, admirado pela população. Foi o décimo rei de Atenas e o maior de todos: até ele reinar, aquela era uma das muitas cidadezinhas da região da Ática. Ele conseguiu transformá-la em polo aglutinador, tornando-a um dos mais importantes centros culturais do Mediterrâneo!

Teseu deu à cidade uma legislação, criou assembleias, organizou os trabalhos. Os cidadãos eram os mais livres de toda a Grécia. Com isso, a cidade foi enriquecendo e se tornando poderosa até nas armas. As ruas se transformaram em um permanente canteiro de obras, com muitos templos, ruas e praças sendo construídos. Para lá se dirigiam artistas, escultores, oradores, pensadores, dramaturgos, gente de todo tipo. Uma efervescência tomava conta das esquinas. Por isso, agora, Teseu era um rei muito, mas muito querido. E estava para se casar!

Mas se o casamento do rei, por si só, seria um grande acontecimento, o fato de a noiva ser Hipólita, a rainha das amazonas, mexia com a imaginação de todos. Essas mulheres eram guerreiras que habitavam distantes terras orientais. Viviam em florestas e vestiam-se singelamente, com peles de animais selvagens presas nos

ombros e sandálias de couro. Sua única extravagância era usar um capacete adornado com plumas de aves raras, que indicava a posição de cada membro na hierarquia da tribo. Além disso, carregavam sempre apetrechos de guerra: o arco, uma aljava cheia de flechas atada às costas e um machado preso na cintura, que manejavam como ninguém. Também era famoso o seu escudo de couro curtido em forma de lua crescente. Viviam da caça, do saque e, quando invadiam um povoado, era impossível detê-las.

Numa de suas famosas aventuras, Teseu descobriu onde ficava o reino das amazonas. Entretanto, em sua estada entre as guerreiras, acabou se apaixonando pela rainha — um amor correspondido! Tanto que Hipólita não apenas acompanhou Teseu em seu retorno à Grécia, como lutou ao lado dele contra as próprias companheiras, quando estas, furiosas com a ousadia do herói vieram até Atenas para tentar resgatá-la.

Com o tempo, Hipólita absorveu bem a vida da mais civilizada das cidades, pois possuía uma inteligência aguda e instintiva. Em pouquíssimo tempo dominou a arte da conversação e se instruiu nos mais variados assuntos, sempre dialogando com os homens sábios que frequentavam o palácio. E tudo isso sem perder certo ar selvagem, mistura que causava forte impacto à primeira vista: seu porte era impressionante, sendo tão alta quanto o futuro marido, sem falar em sua beleza. Também soube cativar a todos com um jeito franco e direto de se relacionar. Procurava ser simpática, mas não

havia nela o menor sinal de afetação. Enfim, a esposa ideal para alguém que, além de rei de Atenas, era um dos grandes heróis da Grécia. A população amava Teseu e Hipólita, e por isso era grande a expectativa em relação àquele casamento.

Teseu, por sua vez, não queria deixar por menos. Desejava tornar a ocasião célebre. Haveria uma semana de festas não apenas para os palacianos, mas para a cidade inteira, com grandes espetáculos de teatro, jogos esportivos e todo tipo de diversões. Além dos atenienses, muitos convidados eram esperados, gente gráuda, reis, rainhas, príncipes e princesas de outras cidades importantes, como Corinto, Tebas, Mégara; gente da Trácia, da Frígia e até da distante Paflagônia. Claro que isso mexia com todos. Sempre um comentava: “Sabe quem mais vem?”. E aí surgia o nome de algum herói, ou de algum artista, ou de alguém sempre muito conhecido.

E quem organizava isso tudo? Filóstrato. O agitado Filóstrato. Ele era o responsável pelo cerimonial do palácio e acabou sendo elevado ao cargo de Administrador Geral do Himeneu Real, ou seja, das bodas do rei. Com isso dá para ter uma ideia de como aquele homem andava nervoso. Não podia se dar ao luxo de errar em nada, com tanta gente importante na cidade. Havia emagrecido bastante, pois não parava de correr para cima e para baixo, pela cidade inteira, vistoriando, organizando, administrando contas, examinando as obras. No palácio, sua atividade não cessava: subia e descia as escadas pulando degraus e comia rapidamente, na

cozinha mesmo, para não perder tempo. A única coisa que o alegrava era olhar para o céu. Havia muito tempo não se desfrutava um verão tão bonito: tempo firme, azul, manhãs luminosas, tardes quentes, temperadas com brisas. As noites eram tão agradáveis que se podia dormir ao ar livre! Tudo contribuía para que os festejos de núpcias fossem esplêndidos!

Mas, no meio dessa intensa alegria devida ao casamento do rei herói com a rainha das amazonas, à prosperidade de Atenas, aos visitantes ilustres e ao clima encantador, havia um fato muito, muito terrível em curso. Algo hediondo, uma sombra perversa a ofuscar o brilho das festas. Um pai desejava a morte da própria filha! Teseu, a conselho de Hipólita, mandou chamar o pai, a filha e as demais pessoas envolvidas no triste assunto para uma conversa. Não era possível que tal fato acontecesse, justo naquele momento.

Enquanto aguardava a chegada do grupo, o rei procurava explicar à futura rainha as razões de tal procedimento. Afinal, como amazona, ela se escandalizava ao saber que uma mulher iria morrer por não aceitar o marido que o pai lhe destinara. As amazonas viviam em estado selvagem, não possuíam maridos, escolhiam os pais dos seus filhos e ficavam apenas com as meninas! Claro que Hipólita, mais civilizada agora, também já não concordava com os velhos costumes tribais, igualmente severos. Mas daí a condenar alguém à pena de morte, ainda mais uma mulher, era algo que ela não conseguia entender de modo algum.

— É terrível isso! — escandalizava-se Hipólita. — Na minha antiga tribo também havia coisas horríveis. Os meninos muitas vezes eram mortos só por terem nascido homens, uma vez que só nos interessava ficar com as mulheres. Mas eu nunca pensei que aqui em Atenas fosse encontrar algo assim!

— Acontece que este é um costume ancestral das antigas tribos da Ática — Teseu justificava-se, sem muita convicção. — As filhas devem obediência total e irrestrita ao pai. No caso de uma desobediência grave, como na questão do casamento, o destino delas é a morte ou o desterro.

— Mas, se você mesmo diz que é um costume antigo, por que não abolir uma coisa tão cruel? Afinal, aqui em Atenas vocês prezam tanto a liberdade dos cidadãos — revoltava-se Hipólita.

— É que na prática é mais complicado. Esses costumes estão muito arraigados. Veja, querida, o pai dessa moça já é um velho, um senhor de terra, que só muito recentemente, e a pedido meu, transferiu-se para Atenas. O nome dele é Egeu, por sinal, o mesmo nome do meu falecido pai. Ele e muitos ainda não se acostumaram bem à nova legislação. Estão habituados aos velhos códigos de honra de suas antigas cidades e aldeias.

— Mas aqui quem manda é você!

— É assunto delicado. Você não sabe o trabalho que me deu, a diplomacia que tive de usar para unir todas as tribos da Ática. Não queria fazer isso pela violência... Queria que todos aderissem espontaneamente à

causa de uma Atenas forte e poderosa, que protegesse o interesse de todos.

— E você teve amplo sucesso!

— Sim, mas infelizmente há posturas conservadoras muito consolidadas. Não posso pedir, por exemplo, para essa gente mais antiga mudar os costumes de uma hora para a outra. Eles foram criados assim. Esses códigos de honra são sólidos e enraizados. Mexer neles seria criar grandes inimigos. Foi um equilíbrio precário o que eu consegui, cheio de suscetibilidades.

— Mas uma moça vai ser morta!

— Eu sei, eu sei... É terrível. Vamos ver o que eu consigo fazer. Conversando tentarei contornar a situação.

— Espero que você consiga, Teseu. Odiaria ver o nosso casamento manchado por um acontecimento desses. Ah! Acho que devem ter chegado. Veja o nosso aflito Filóstrato vindo para cá.

De fato, Filóstrato caminhava daquele jeito aflito, com passos afobados, como quem faz trezentas coisas ao mesmo tempo.

— Meu senhor, queria avisar que vinha passando pelo salão e vi o senhor Egeu, a filha e mais dois rapazes com eles. Dizem que têm uma entrevista marcada com vossa senhoria.

— Isso mesmo, Filóstrato. Pode pedir que entrem. Mas aos poucos. Não quero confusão aqui. Quero falar primeiro com o pai e com a filha.

— Sim, senhor.

— Ah! Filóstrato...

— Sim?

— E as obras do porto?

— Muito atrasadas, senhor! Temo por uma confusão de embarcações quando as visitas começarem a chegar.

— Depois que eu concluir esta pendência, vamos juntos supervisioná-las.

— Ótimo, senhor! Com licença que vou chamar o senhor Egeu e sua filha Hérnia.

— Faça isso!

Filóstrato voltou a atravessar o amplo salão, agora em sentido contrário, com passinhos miúdos e rápidos.

— Pobre homem! — comentou Hipólita em voz baixa e mordaz. — Acho que o nosso casamento vai produzir uma segunda vítima!

Teseu teve de segurar o riso, pois Egeu e Hérnia já entravam com as expressões mais graves do mundo. O nariz vermelho dela denunciava o choro recente. Era uma moça pequena, mas muito graciosa. Tinha olhos inteligentes e uma expressão suave. Hipólita sorriu para ela com simpatia, estendendo-lhe a mão. Egeu não disfarçava seu embaraço, Teseu notou.

— Caro Egeu, mas o que foi que ouvi dizer?! Que história é essa de mandar a nossa querida Hérnia para a morte?! Olhe bem para ela...

Egeu e a filha trocaram olhares envergonhados, e o pai desabou num choro quase ridículo para um senhor da sua idade. Na verdade, ele parecia mesmo uma criança que se perdeu dos pais. Teseu o abraçou solidário,

contente com aquele sinal de fraqueza. Era um bom início. Quando se recompôs, Egeu disse:

— Você acha, meu senhor, que estou gostando disso? Um pai teria de ser muito cruel para ordenar algo assim sem nada sentir. Hérnia é, das minhas filhas, a mais chegada a mim. Sempre nos demos bem... E agora, isso... O que eu posso fazer? Me diga!

— Explique direito essa demanda — pediu Teseu, com calma.

— A questão é simples. Prometi Hérnia ao jovem Demétrio, a quem ela sempre foi afeiçoada desde que chegou a Atenas. O senhor mesmo pôde ver aqui no palácio: os dois nunca se desgrudavam. Demétrio até deixou a bela Helena, que ficou desconsolada, como todos sabem, me indispondo com o pai dela, meu amigo Nédaro.

— Sim, acompanhamos bem tudo isso. Coisas do amor. Juventude... — disse Teseu, com a intenção de preparar o coração de Egeu para uma argumentação moderada.

— As coisas da juventude também chegam a seu fim um dia! — interrompeu Egeu. — E terminam quando se assumem responsabilidades de adulto. No caso da minha Hérnia as coisas da juventude terminaram quando ela e Demétrio foram prometidos um ao outro em casamento.

— Eu não amo Demétrio! Eu amo Lisandro! — disse Hérnia baixinho, mas de modo tão concentrado, tão convicto, que Hipólita olhou-a impressionada. Teseu começou a perceber que a coisa ia ser um pouco mais complicada do que havia pensado. Suspirou fundo.

— Ela não o ama, meu senhor — Egeu falou, muito agitado. — Ela foi enfeitiçada por esse Lisandro!

— Desculpe, senhor — disse Hipólita do seu jeito franco. — Mas todo amor não é um tipo de encantamento no começo? Talvez ela esteja mesmo amando esse rapaz.

— Desculpe, minha senhora — Egeu se dirigiu para a futura rainha do modo mais educado —, entendendo sua boa intenção. Mas um casamento é coisa séria, não tem nada que ver com jogos frívolos. E o que Lisandro tem feito com Hérnia, senão jogar com seus sentimentos? Desde que o rapaz enfiou naquela cabeça oca dele que amava a minha filha, não para de fazer canções, poemas e bilhetes apaixonados. Pede um cacho dos cabelos dela e depois o amarra na medalha que traz no peito. E diz que não tem fome, senão de olhar para ela, e diz que não tem sede, senão de ouvir a voz dela. Essas coisas, meu senhor! Essas coisas tolas e pueris. Coisas infantis, jogos da puberdade. O que me espanta é que Hérnia, sempre tão sensata, sempre tão séria, tenha se deixado embalar por essa música.

— O senhor é que me espanta, pai! — Hérnia respondeu de modo sério e articulado. — Sempre fomos amigos, como o senhor disse. Pensei que me conhecesse mais! Sim, Lisandro tem feito essas coisas, é o jeito dele. Mas não foi por essas bobagens que eu me apaixonei, mas pelo homem. Eu amo mesmo Lisandro, o senhor tem de aceitar isso.

— Mesmo que eu aceitasse, o que não estou dizendo que faço — replicou Egeu, severo —, mesmo que eu

achasse que você está se conduzindo com sensatez, será que te ama de verdade esse rapaz que ama feito um poeta? Será que depois não vai se apaixonar de novo e de novo? Gente assim não ama ninguém, minha filha. Gente assim ama o amor, ama estar apaixonado. Ele também não amava Helena antes de você chegar? E também não a disputava com Demétrio? E você não estará sendo apenas um troféu para dois rapazes da corte?

— Se assim for, por que se importa que eu fique com esse ou com aquele?

— Porque sou seu pai e quero o seu bem, minha querida. Tenho experiência de vida, ao contrário de você. Gosto de Demétrio porque ele é sério e te ama. Sei que dará bom marido, que vai cuidar de você. É rapaz bem apessoado. E depois, já dei minha palavra a ele. Você entende isso? Eu dei a minha palavra! Uma palavra dada é lei antiga e certa, minha filha, você bem sabe disso. Não voltarei atrás, porque não posso e porque não quero. E pronto! Você está prometida a Demétrio e vai se casar com ele!

Um silêncio constrangedor tomou conta do ambiente. Egeu e Hérnia haviam discutido entre si, completamente alheios a Teseu e Hipólita.

— Desculpe, meu senhor! — disse Egeu, embaraçado.

— Não há do que se desculpar, meu caro. — Teseu sorriu confiante para os dois. — Tenho certeza absoluta de que tudo isso será motivo para riso daqui a algum tempo. Hérnia, minha querida, seu pai disse palavras sábias. As filhas devem obediência aos pais, essa é a tradição. Nada